

5.

Entendimentos atuais e considerações finais

Pedras no caminho?
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...
(Fernando Pessoa)

Entendo que, apesar de culparem os colegas e não incluírem a si próprios como também responsáveis pela aula, os alunos demonstraram bastante maturidade ao serem capazes de expressar suas opiniões sem transformá-las em ofensas.

Confesso, entretanto, que foi difícil ler as críticas e, ainda mais, torná-las públicas através desta dissertação. Contudo, todas as complexidades explicitadas por este trabalho conjunto entre mim e os alunos teriam continuado a passar por despercebidas, não fosse pelas atividades exploratórias terem proporcionado a abertura deste canal de comunicação entre nós.

Os sistemas de crenças dos professores estão relacionados aos objetivos, valores e crenças dos mesmos em relação ao conteúdo e ao processo de ensino, como explicitado nesta dissertação na seção 2.4. Eu acredito que o ensino de línguas deva focar na competência comunicativa dos alunos, abordando as quatro habilidades da língua. Portanto, buscava preparar e ministrar minhas aulas dentro desta perspectiva. Entretanto, ficou claro com este estudo que não era desta maneira que os alunos percebiam o desenvolvimento das aulas. Precisaria pesquisar mais minha sala de aula para entender este aparente paradoxo. Há de se considerar também que as crenças e as ações estão relacionadas de maneira indireta e complexa, ou seja, não há uma relação direta entre elas (Barcelos e Kalaja, 2003).

Após ter lido as redações, ficou claro que teríamos muito a conversar após a devolução das mesmas, mas na semana seguinte não tivemos aula, pois era época de provas. Quando retornarmos as aulas, para minha surpresa, aproximadamente metade do grupo não era mais o mesmo. A cada trimestre os alunos podem mudar de turma (cf. seção 3.1).

Naquele momento, eu pensei que a atividade havia perdido o sentido, uma vez que aquele grupo que havia gerado o questionamento inicial já não era o

mesmo e este novo grupo teria, provavelmente, outras questões. Entretanto, após a análise das atividades e reflexão através da minha própria narrativa dos acontecimentos neste trabalho, hoje, vejo que eu poderia ter criados outras APPEs com o grupo novo, já que um dos principais focos da Prática Exploratória é a questão da continuidade. Eu poderia, por exemplo, ter preparado uma aula de *writing* e *speaking* a partir daquele material, gerando uma terceira APPE. Uma possível atividade seria:

- a) Digitar as redações na íntegra, sem os nomes dos alunos que as escreveram, e pedir que, em duplas, eles corrigissem aspectos relacionados à gramática, coesão e coerência. Assim, eu estaria trabalhando *collaborative and process writing* (escrita colaborativa e processual), além de revisar aspectos gramaticais (aspecto formal da língua).
- b) Organizar uma discussão em sala, em inglês, que propiciasse aos alunos oportunidades para explicitarem seus pontos de vista sobre o conteúdo dos textos. Eles poderiam concordar, discordar e acrescentar suas próprias opiniões sobre o assunto discutido.

Esta APPE3 poderia ter permitido uma continuidade no trabalho para entendimento, proporcionando um espaço discursivo em que os alunos (novos e antigos) teriam voz. A atividade poderia ter contribuído significativamente para a geração de entendimentos sobre a nova turma e sobre nossa qualidade de vida em sala de aula.

Analisando os acontecimentos, concluo que a continuidade deste trabalho ficou comprometida pela minha crença no fato de que a atividade somente poderia ter prosseguido caso o grupo tivesse se mantido o mesmo. Além disso, refletindo sobre minha narrativa, percebo também o receio, inconsciente, por minha parte, em receber mais críticas. Esta conscientização só foi possível graças a esta análise.

Por estas razões, considero que as APPE1 e APPE2 foram muito produtivas, uma vez que os seguintes entendimentos foram gerados:

- a) Mesmo quando os alunos levantam uma determinada questão sobre a vida em sala, não se pode assumi-la como “verdade absoluta”. Através de pesquisas de natureza exploratória, torna-se possível desvelar

desdobramentos variados sobre o cotidiano em sala de aula e, às vezes, como foi o caso, levantar outras questões mais complexas, que nem sempre percebemos de início.

b) O planejamento para integração das atividades exploratórias no fluxo natural da aula mostra-se, mais uma vez, de suma importância. Com dois encontros semanais de 45 minutos cada, eu teria tido uma série de problemas práticos em relação ao cumprimento do cronograma da matéria. Todos nós professores lidamos com limitações reais de tempo e temos que obedecer ao calendário escolar. Apesar de estarmos a poucas semanas do início das provas, uma época naturalmente mais corrida para nós professores, a atividade exploratória não atrasou o andamento da matéria, já que ela foi adaptada para acontecer dentro do fluxo natural da aula.

c) Nós, professores e alunos, temos que estar preparados para críticas e refletir sobre elas. Como a sala de aula é um organismo vivo formado por professores e alunos, os questionamentos também envolvem as duas partes. Às vezes podemos achar que estamos fazendo “tudo certo” e que somente os alunos devem ser responsabilizados pelos “erros”. A qualidade de vida em sala de aula está acima da dicotomia “certo x errado”. Temos que estar preparados para recebermos e refletimos sobre as críticas do grupo e, sendo necessário e possível, mudarmos a nossa prática.

d) Para engajar os alunos nas atividades exploratórias, é preciso que eles sintam que suas opiniões vão ser valorizadas, que o objetivo não seja exclusivamente do professor, mas deles também. Por exemplo, na primeira APPE, ao propor que os alunos escolhessem os assuntos que fossem mais significativos para eles, eu me comprometi a focar as próximas aulas nos tópicos que tivessem sido priorizados por eles. Desta maneira, eles também se tornariam responsáveis sobre o que estudamos em sala.

As pedras fazem parte de todo caminho. E no caminho pelo entendimento não é diferente. No meu caso, por uma questão referente à estrutura organizacional das turmas na escola, o trabalho não teve continuidade. Outros professores-pesquisadores podem se deparar com outros tipos de dificuldades. Entretanto, independentemente de não termos dado continuidade ao processo de entendimentos gerados a partir de nossos *puzzles*, as atividades se mostraram muito produtivas para mim e para os alunos.

Apesar do fato de eu não ter continuado com o mesmo grupo, durante o período de aulas em que as atividades exploratórias estavam acontecendo, percebi que o grupo se tornou mais unido e colaborativo entre si e comigo. O simples fato de termos aberto um canal de comunicação mais direto já influenciou diretamente na melhora da nossa qualidade de vida. Conseguimos falar sobre questões de ordem interpessoal e afetiva, que raramente são abordadas genuinamente em sala de aula. A postura reflexiva de trabalho para entendimento, ao invés da busca de resolução de problemas, foi fundamental neste processo.

Concluo este trabalho para entendimento ainda utilizando a metáfora das pedras, mas, desta vez, cito as palavras de Fernando Pessoa em *Palco da Vida* (Grifos meus):

Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço de que minha vida é a maior empresa do mundo. É que posso evitar que ela vá à falência.

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.

Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma.

É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida. Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo.

É ter coragem para ouvir um não. É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.

Pedras no caminho?
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...

Finalmente, espero com este trabalho inspirar outros professores a construírem seus próprios castelos.